

Anat Falbel

e

SPAÇO e INTERAÇÕES NA
HISTORIOGRAFIA DA ARQUITETURA
MODERNA BRASILEIRA

RESUMO

A multiplicação das referências espaciais no pensamento contemporâneo impôs limites às epopéias desenvolvidas conforme a trajetória de suas narrativas, ou seja, a partir da crença que o tempo da história poderia atravessar o espaço seguindo uma direção preestabelecida e unívoca¹. Considerando que o conceito de espaço, ao contrário, implica simultaneamente mobilidade e encontro, este último entendido de forma dialógica, o presente texto pretende exercitar uma abordagem espacial em uma análise historiográfica específica: a construção da narrativa da moderna arquitetura brasileira. Para tanto, o conceito de espaço será operado a partir de três abordagens distintas. A primeira delas diz respeito à posição e ao contexto a partir do qual essa construção foi desenvolvida, ou seja, considerando a posição ocupada por seu principal propositor, o arquiteto Lucio Costa, durante a efervescência cultural da década de 1930, e o viés autoritário, nacionalista e populista que marcou a cultura durante o período do Estado Novo (1937-1945). A segunda abordagem relacionada à geografia cultural analisa o modo pelo qual o historiador compreendeu o conceito de história e operou as idéias de transferências, trocas e diálogos, seja no espaço cultural contemporâneo, seja entre o passado e o presente histórico. Os compromissos de Costa com a asserção de uma identidade nacional, conforme sugere a relação figural traçada pelo historiador entre arquitetura colonial e arquitetura moderna, emergem no confronto com as elaborações de caráter supranacional dos americanos George Kubler e Robert Chester Smith – seus contemporâneos nos estudos da arte e da arquitetura colonial latino-americanas – elaborações essas permeadas pelo humanismo europeu que alcançou a América junto dos intelectuais exilados durante o período de entreguerras. E, finalmente, a terceira abordagem proposta introduz a noção de diálogo cultural, conforme com a tradição das formulações teórico-espaciais de Georg Simmel e Martin Buber.

PALAVRAS-CHAVE

Historiografia, arquitetura brasileira, estudos comparativos.

ESPACIO E INTERACCIONES EN LA
HISTORIOGRAFÍA DE LA
ARQUITECTURA MODERNA
BRASILEÑA

RESUMEN

La multiplicación de las referencias espaciales en el pensamiento contemporáneo impuso límites a las epopeyas desarrolladas según la trayectoria de sus narrativas, es decir, a partir de la creencia de que el tiempo de la historia podría cruzar el espacio siguiendo una dirección preestablecida y unívoca. Teniendo en cuenta que, al contrario, el concepto de espacio implica de manera simultánea movilidad y encuentro, entendido este último de forma dialógica, este texto pretende ejercitar un abordaje espacial en un análisis historiográfico específico: la construcción de la narrativa de la moderna arquitectura brasileña. Para eso, se va a considerar el concepto de espacio bajo tres perspectivas distintas. La primera se refiere a la posición y al contexto a partir del que se ha desarrollado esa construcción, o sea, considerando la posición ocupada por su principal proponente, el arquitecto Lucio Costa, durante la agitación cultural de la década de 1930, y el sesgo autoritario, nacionalista y populista que ha marcado la cultura durante el período del Estado Nuevo (1937-1945). La segunda perspectiva, que se relaciona a la geografía cultural, analiza el modo por el que el historiador ha comprendido el concepto de historia y operado las ideas de transferencias, trueques y diálogos, sea en el espacio cultural contemporáneo, o entre el pasado y el presente histórico. Los compromisos de Costa con la aserción de una identidad nacional, según sugiere la relación de figura trazada por el historiador, entre la arquitectura colonial y la arquitectura moderna, brotan en el confronto con las elaboraciones de carácter supranacional de los norteamericanos George Kubler y Robert Chester Smith – contemporáneos de Costa en los estudios del arte y la arquitectura colonial latinoamericanas –, elaboraciones que están permeadas por el humanismo europeo que ha llegado a América con los intelectuales exiliados durante el período entreguerras. Y finalmente la tercera perspectiva propuesta introduce la noción de diálogo cultural, según la tradición de las formulaciones teóricas de Georg Simmel y Martin Buber.

PALABRAS CLAVE

Historiografía, arquitectura brasileña, estudios comparativos.

SPACE AND INTERACTIONS IN
BRAZILIAN MODERN ARCHITECTURE
HISTORIOGRAPHY

ABSTRACT

The multiplying of spatial references in contemporary thinking sets limits to the epics developed according to the path of their narratives, i.e., based on the belief that time in history could cross space following an unequivocal and pre-established direction². Considering that the concept of space, to the contrary, simultaneously implies mobility and meeting, the latter understood dialogically, this article takes a spatial approach in a specific historiographic analysis: the construction of the narrative of modern brazilian architecture. To do so, the concept of space will resort to three different approaches. The first regards the position and context that bases this construction, i.e., considering the position held by its main proponent, Lucio Costa, during the culturally effervescent 1930s, and the authoritarian, nationalistic, and populist bias that prevailed during Brazil's Estado Novo (New State) regime, from 1937 to 1945. The second regards the cultural geography and considers the way in which historians understand history and operate the ideas of transfers, exchanges, and dialogs in the contemporary cultural space or in the past and present history. The commitments Costa had with asserting a national identity, as suggested by the figural relation between colonial architecture and modern architecture emerge from the confrontation of supra-national thinking of George Kubler and Robert Chester Smith – as well as their contemporaries in the study of Latin American colonial art and architecture – which thinking is permeated with European humanism that came to America together with the intellectuals exiled between the two wars. The third approach introduces the notion of spatial theoretical formulations of Georg Simmel and Martin Buber.

KEY WORDS

Historiography, brazilian architecture, comparative studies.

A importância do jogo entre tradição e modernidade na construção de uma narrativa nacional foi compreendida desde muito cedo pelo arquiteto Lucio Costa. Em um dos últimos escritos Costa descreveu seu papel no quadro da arquitetura moderna brasileira, bem como entre os demais colegas participantes do projeto de Brasília da seguinte forma:

*“... Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares, arquiteto artista: domínio da plástica, dos espaços e dos vãos estruturais, sem esquecer o gesto singelo – o **criador** João da Gama Filgueiras Lima, o arquiteto onde arte e tecnologia se encontram e se entrosam, – o **construtor**. E eu, Lucio Marçal Ferreira Ribeiro de Lima e Costa – tendo um pouco de uma coisa e de outra, sinto-me bem no convívio de ambos, de modo que formamos, cada qual para o seu lado, uma boa trinca: é que sou, apesar de tudo, o vínculo com o nosso passado, o lastro – a **tradição**.”*³

Em 1924, ainda estudante, Costa visitou a cidade de Diamantina, em Minas Gerais, experimentando, pela primeira vez, o espaço arquitetônico e urbano ainda intocado do período colonial, no início de sua prática profissional como arquiteto, ele fez uso, até o final da década de 1920, de um vocabulário eclético, que incluía a versão brasileira do neocolonial⁴.

Em 1930, logo após o golpe de estado, Lucio Costa se integrou ao corpo dos intelectuais brasileiros que definiram a perspectiva cultural do Estado Novo. Os primeiros passos na construção da narrativa historiográfica da moderna arquitetura brasileira – cujos ecos ainda se fazem sentir – foram dados pelo arquiteto, seu principal proponente, no início da ditadura de Getúlio Vargas. O envolvimento de Costa na formação do Sphan – Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1937, dirigido por Rodrigo Melo Franco de Andrade⁵, muito contribuiu para a formulação de sua narrativa, que, no contexto da atmosfera nacionalista a qual envolvia o país, assim como no que diz respeito às suas filiações intelectuais, pode ser comparada às construções da história da arte que desde o século 19 buscaram registrar a emergência da consciência nacional a partir de seus reflexos nas formas culturais⁶.

Nesse sentido, se as vanguardas européias representaram o universalismo e a ruptura das fronteiras nacionais, no período do entreguerras os intelectuais latino-americanos definiram a identidade nacional com base no binômio nacionalidade modernidade. O resultado levou ao esvaziamento dos conteúdos originais dessa última, conforme poder-se-ia prever a partir do texto de Henry-Russell Hitchcock e Philip Johnson, resultado da exposição *International style* de 1932, no MOMA de Nova York. Logo em sua introdução os autores afirmavam: *“... esse novo estilo não é internacional no sentido de que a produção de um país é semelhante àquela de outro...”*⁷ Contra o pano de fundo da representação universalista que atribuía a cada indivíduo uma identidade étnica, a “identidade fictícia” – conforme expressão de Étienne Balibar – pretendida pelos intelectuais brasileiros, e Lucio Costa entre eles, seria alcançada pela raça e pela língua, entendidas como as principais manifestações do caráter nacional, também reconhecido como a alma ou o espírito nacional⁸.

Considerando, assim como proposto por Henri Focillon, que a consciência humana se encontra em perpétua busca por uma linguagem, e que, assumir consciência é assumir forma⁹, o artifício da “etnicidade fictícia” e suas manifestações por meio da raça e da linguagem, assim como empregado por Lucio Costa, pode ser claramente reconhecido na narrativa arquitetônica do historiador que pretendia revelar, a partir do vocabulário da arquitetura e das artes “... o verdadeiro espírito da nossa gente. O espírito que formou essa espécie de nacionalidade...”¹⁰. Costa estabeleceu sua estratégia em duas frentes a partir do conceito de caráter. A primeira delas, representada pela questão da raça, foi abordada considerando o povo brasileiro como uma unidade autônoma – “... nossa maneira peculiar, inconfundível – brasileira – de ser...”¹¹. Assim procedendo, o historiador nacionalizou, ou etnicizou, a base original formada por portugueses, africanos e o elemento nativo, sugerindo a existência de uma comunidade natural¹², que para ele manteve sua continuidade e peculiaridade, apesar das levas imigratórias européias e orientais posteriores¹³. A segunda frente operada por Costa, na estratégica definição de caráter, concentrou-se na investigação das origens da linguagem arquitetônica nacional, buscando o elemento imutável responsável pela coerência histórica¹⁴. A estratégia adotada era sensível, pois, ao afirmar que o surgimento de uma “legítima” linguagem brasileira deu-se com as obras dos primeiros colonizadores portugueses durante o período colonial, Lucio Costa fazia uso de um argumento ambíguo. Efetivamente, para o historiador, a produção arquitetônica na colônia não poderia ser considerada como uma imitação dos trabalhos da metrópole, visto que: “... Na verdade... são obras tão legítimas quanto as de lá, porque o colono, **par droit de conquête**, estava **em casa**, e o que fazia aqui, de semelhante ou já diferenciado, era o que lhe apetecia fazer – assim como ao falar português não estava a imitar ninguém, senão a falar, com sotaque ou não, a própria língua...”¹⁵

Desse modo, Lucio Costa identificava a cultura arquitetônica portuguesa – e, particularmente, a linguagem vernacular em suas variáveis regionais – como a primeira e única fonte da arquitetura brasileira. Por outro lado, e não por acaso, ele observou a emergência de um caráter nacional durante a segunda metade do século 18, em Minas Gerais, de onde foram irradiadas as primeiras idéias de independência da colônia¹⁶. O procedimento de Costa tinha como referência as formulações dos intelectuais das primeiras décadas do século 20 como os historiadores Oliveira Viana¹⁷, Gilberto Freire¹⁸ ou Sergio Buarque de Holanda¹⁹, e o próprio escritor e crítico Silvio Romero no que dizia respeito à dimensão portuguesa brasileira das origens coloniais²⁰.

Foi Romero, influenciado pelo pensamento alemão e francês, um dos primeiros a recuperar o elemento português (1902)²¹, apontando a língua portuguesa, os costumes e o caráter nacional como parte da formação e evolução da nação brasileira²². Os seus escritos sobre literatura e folclore incidiram sobre a geração posterior de intelectuais modernos como Mário de Andrade, Gilberto Freyre, e, muito provavelmente, também Costa²³. Nesse aspecto vale destacar que ainda em 1967, o sociólogo Gilberto Freyre utilizava o argumento de Romero referente à particularidade ibérica do caráter nacional brasileiro como justificativa para a tendência mais pronunciada da arquitetura brasileira do século 20 que, assim como teria sido demonstrado com a realização de Brasília, combinou “corajosamente” tradição e modernidade²⁴. E, se a ênfase na particularidade

ibérica do caráter nacional ecoava Romero, a relação apontada por Freyre entre a moderna arquitetura brasileira e a tradição tinha como referência, sem dúvida, a narrativa, a essas alturas já consolidada, construída por Lucio Costa a partir da relação figural entre a arquitetura colonial e a arquitetura moderna brasileira, esta última entendida como a completude da primeira, sua modernidade justificada pelas raízes vernaculares. Uma relação do mesmo traçada por Costa em seu *Depoimento* (1948), entre as personalidades de Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, entendido como figura de Oscar Niemeyer, ou, assim como escreveu o arquiteto historiador referindo-se a Niemeyer: “... *nosso próprio gênio nacional que se expressou através da personalidade eleita desse artista, da mesma forma como já se expressara no século XVIII, em circunstâncias, aliás muito semelhantes, através da personalidade de Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho...*”²⁵

No entanto, conforme identificado e analisado no contexto da história da arte colonial pelo historiador americano George Kubler (1912-1996)²⁶ no mesmo período (1968), o argumento historiográfico e os procedimentos dos intelectuais nacionalistas brasileiros foram interpretados como uma limitação ao entendimento mais amplo dos complexos processos de transferências, trocas e desenvolvimento das formas. Kubler notou “... *a surpreendente peculiaridade entre os historiadores espanhóis e portugueses, bem como daqueles dos países americanos de filiação ibérica, de entender a cultura da península e suas extensões americanas como um complexo de formas e instituições distintas daquelas do restante do mundo...*”²⁷, destacando que a Península e a América latina eram, na maior parte das vezes, representadas como uma configuração imperial, devendo menos ao restante da Europa que às forças indígenas e autônomas de auto-realização, por vezes designadas como “invariâncias” ou *alma latina*. Para o estudioso americano, a idéia de invariância pressupunha uma configuração cultural imutável que, por sua vez, “... *inibia qualquer análise histórica das derivações das formas mais exata...*”²⁸. Nesse aspecto, Kubler, o “antigo aluno de Henri Focillon”, considerava que o trabalho de restaurar os impérios à sua exata condição como parte da história europeia era uma tarefa urgente, particularmente no caso da arquitetura latino-americana, que, apesar de bem catalogada e classificada, fora omissa ou incompleta em relação às suas dívidas para com o restante da Europa²⁹.

Assim, mesmo sem poder indicar abertamente a existência do elemento ideológico por detrás da perspectiva historiográfica, o olhar geográfico de Kubler foi sensível na identificação dos argumentos e procedimentos também utilizados pelas primeiras gerações dos historiadores da arquitetura brasileira reunidos em torno do Sphan e, particularmente, em relação a Lucio Costa, o qual raramente reconheceu outras fontes além da Península Ibérica.

Fundado nas elaborações de Focillon, Kubler propôs uma periodização americana na qual relacionava o período da pré-conquista, o período colonial e os substratos mais modernos da história americana com a Antiguidade clássica europeia, a Idade Média e o período moderno³⁰. Um instrumento teórico que permitiu confrontar as extensas trocas e embates de tradições que tiveram lugar, seja durante a Idade Média, seja entre a Europa e a América durante o período colonial. Nesse aspecto, se, conforme mostrou Focillon, o constante fluxo nas rotas de comércio e de peregrinação durante a Idade Média levou aos encontros e cruzamentos de culturas distantes no tempo e no espaço, bem como a

transformação e o enriquecimento do conteúdo humano do homem europeu, fundamentando, ao mesmo tempo, a universalidade da arte e da arquitetura medieval³¹, o período colonial iniciado pelas invasões estrangeiras e o desmantelamento dos antigos povos e nações americanas³² também foi caracterizado por movimentos culturais transatlânticos intensos, os quais, por sua vez, ultrapassaram a Península Ibérica.

Efetivamente, conforme mostraram as pesquisas das últimas décadas, foi pelas mãos de ordens religiosas como os jesuítas e os franciscanos que os tratados de arquitetura de Serlio, Alberti, Vitruvio, ou Vredeman de Vries, assim como os manuais de construção, e todo tipo de documentação iconográfica, alcançaram a América Latina. Um processo de transferência cultural que se manteve ao longo do século 18 pelos textos de arquitetura e gravuras ornamentais italianas, francesas e alemãs que cruzaram o Atlântico e aportaram em nossas costas. Por sua vez, os engenheiros militares portugueses que atuaram no país contribuíram na transferência de uma cultura técnica maturada nas *aulas militares* portuguesas, nas quais seu conhecimento foi enriquecido pelo uso de uma literatura técnica que incluía não somente os tratados de arquitetura italianos e alemães, mas ainda escritos mais específicos sobre a arte da guerra, fortificações e equipamentos mecânicos³³. E se, por vezes, profissionais portugueses desenvolveram sua prática profissional na Itália, profissionais italianos, alemães, franceses ou suíços também foram engajados junto de seus colegas portugueses nos projetos coloniais da Coroa, assim como por ocasião do tratado de Madri (1750), quando um número de europeus desembarcou no país para atuar nas missões de demarcação de fronteiras³⁴. Devido aos vigorosos fluxos entre Europa e América, cidades como Salvador e Rio de Janeiro se tornaram – desde a metade do século 16 – paradas obrigatórias para os navios da Companhia Portuguesa das Índias Orientais em suas rotas entre Lisboa e as colônias portuguesas na Índia (Goa), Malásia (Málaca) e China (Macau). E a partir de seus portos, porcelanas chinesas, estátuas de marfim e tecidos indianos e chineses, assim como mobília japonesa e indo-portuguesa foram introduzidos no espaço da cultura colonial brasileira, contribuindo para a asserção da natureza multicultural da sociedade³⁵ e contrapondo-se, nesse aspecto, à narrativa culturalmente autocentrada de Lucio Costa, que desconheceu a importância das margens, como o espaço primeiro do diálogo.

Na realidade, a narrativa de Costa já havia sido desafiada – aparentemente sem qualquer reação particular³⁶ – na metade da década de 1930 pelo historiador Americano Robert Chester Smith (1912-1975) que, mesmo entendendo Portugal e Brasil como parte integrante de uma matriz luso-brasileira³⁷, sugeriu uma perspectiva historiográfica mais ampla para os estudos da arquitetura e da arte colonial no Brasil e em Portugal, a partir de seu artigo “João Frederico Ludovice an Eighteenth Century Architect in Portugal” (1936)³⁸. O verdadeiro nome de João Frederico Ludovice, o arquiteto responsável pela construção do convento e palácio de Mafra em Portugal, era Johann Friederich Ludwig (1670-1752). Nascido na Alemanha, Ludovice havia passado por Roma, onde trabalhou para os jesuítas na igreja do Gesu – em cujo canteiro, provavelmente, teve contato com Andrea Pozzo e Carlo Fontana – e, a seguir, por volta de 1700 desembarcou em Portugal. A análise sensível de Smith durante a efervescência nacionalista do entreguerras reconheceu o estilo híbrido de

Ludovice, considerando: “*seu trabalho apresenta a influência da tríplice mudança de ambientes. Se tivesse permanecido na Itália, ele provavelmente teria se tornado companheiro de Vanvitelli, Salvi e Fuga. Assim como se apresenta seu trabalho constitui um fenômeno do século 18...*”³⁹

Assim como Kubler, Smith também se interessou pelo processo de disseminação das formas no espaço e no tempo e pela problemática das fronteiras, limites e interfaces entendidas, conforme expressão de Thomas F. Reese, como planos de inovação, de interação cultural ou ainda como pontos de transferência críticos na história⁴⁰. Em um estudo posterior, *Jesuit buildings in Brasil* (1948), Smith continuou buscando transpor fronteiras nacionais em sua análise da especificidade dos empreendimentos arquitetônicos da ordem jesuíta no Brasil, em comparação com as obras levadas a cabo pelos jesuítas espanhóis na América entre os séculos 17 e 18.⁴¹

Ao comparar a obra de Robert C. Smith’s, *The art of Portugal 1550-1800* (1968)⁴², àquela de Reinaldo dos Santos, *Oito séculos de arte portuguesa, história e espírito*⁴³, Helmuth Wohl mostrou que enquanto a pesquisa de Smith foi escrita de forma objetiva, equilibrada e informativa, sem qualquer viés nacionalista⁴⁴, dos Santos interpretou e celebrou as artes de Portugal como reflexos da alma e gênio da nação portuguesa⁴⁵. O mesmo argumento de Wohl poderia ser aplicado com relação à perspectiva historiográfica de Lucio Costa. Tendo como referência as elaborações de Erwin Panofsky, a respeito dos estudos de história da arte nos Estados Unidos durante o período do entreguerras⁴⁶, Wohl justificou o olhar universalista de Smith pela distância cultural e geográfica dos historiadores americanos em relação à Europa. Efetivamente, assim como observado por Panofsky, “... os historiadores da arte americanos eram capazes de enxergar o passado a partir de uma imagem não distorcida pelo viés nacional e regional, de modo que eram capazes de enxergar o presente a partir de uma imagem não distorcida por parti pris pessoais ou institucionais ...”⁴⁷. Mesmo que durante o intervalo do entreguerras o ambiente acadêmico nos Estados Unidos não tenha sido isento no que diz respeito aos preconceitos em relação à contratação de professores imigrantes e, particularmente, aqueles de origem judaica, os estudos da história da arte naquele país adotaram uma nova direção com a presença dos historiadores exilados, como Panofsky ou Krautheimer, os quais, buscando restabelecer-se como partícipes de um mundo intersubjetivo, não somente propuseram a ampliação das fronteiras da tradição ocidental em perspectiva pan-européia, conforme assinalou Erich Auerbach em sua *Mimesis*⁴⁸, mas assumiram o mito da representação desinteressada da história, desviando-se, aparentemente, das questões da política e das diferenças que incluíam ainda a “*impossibilidade de reconciliação das circunstâncias de seu exílio e a sua confiança nos ideais humanistas*”⁴⁹.

No que diz respeito ao olhar dos historiadores americanos de filiação ibérica, o argumento de George Kubler exposto acima se corrobora na análise comparativa entre as hipóteses de trabalho de Robert Chester Smith, reconhecendo e operando uma geografia da arquitetura mais ampla, e aquelas de Lucio Costa, que, em seu primeiro e extenso levantamento da arquitetura jesuíta no Brasil (1941)⁵⁰ sugeria que “*o tratamento mais tosco... e a aspereza do desenho*” de alguns dos elementos arquitetônicos das missões jesuítas no sul do país, eram conseqüências da não somente “*da falta de experiência dos*

operários...”, mas também , e “... talvez mais... dessa mistura de procedência diversas combinadas com as deficiências do meio...”. Costa mencionava, particularmente, a inexperiência dos construtores indígenas, “aquela *gaucherie* que aproxima os bárbaros de qualquer raça quando pretendem reproduzir de ouvido os elementos da arquitetura greco-latina...”, bem como o engajamento de profissionais da Europa do norte e central⁵¹. Portanto, contido por sua auto-imposta “etnicidade fictícia”, Costa afastou do corpo das “autênticas expressões da arte brasileira”⁵² não somente as dissonâncias, ou “as sobrevivências e antecipações... [as] formas lentas e ultrapassadas... contemporâneas das formas audaciosas e rápidas...”, conforme expressão de Focillon, que se apresentavam justapostas em um mesmo tempo⁵³, mas também o diálogo comum à interface dos planos culturais representado tanto pelas fontes culturais, mas especialmente pelo trabalho de outros nacionais, profissionais estrangeiros e imigrantes, com a exceção, já na modernidade, de Le Corbusier. A relação figural seria retomada, nesse caso, entre Le Corbusier e Oscar Niemeyer, conforme o *Depoimento* (1948) de Costa:

“... a obra pioneira do nosso querido Gregório e a personalidade singular do Flávio de nada podem adiantar, porquanto o que se passou então aqui teria ocorrido, sem alteração sequer de uma linha, ainda quando o primeiro houvesse realizado a sua obra alhures, e o segundo espairecesse exilado, desde bebê, em Paris ou na Passárgada. E isto porque as realizações posteriores ao ‘advento’ do arquiteto ... Oscar Niemeyer ... têm vínculo direto com as fontes originais do movimento mundial de renovação tendente a repor a arquitetura sobre bases funcionais legítimas. Não foi de segunda ou terceira mão, através da obra do Gregório, que o processo se operou: foram as sementes autênticas, em boa hora plantadas aqui por Le Corbusier, em 1936, que frutificaram...”⁵⁴

Ao contrário de Costa, Focillon, que abertamente polemizou com o historiador alemão Josef Strzygowski, não buscava determinar a origem nacional de um estilo particular, mas a forma pela qual esse último havia sido desenvolvido pelo artista independente de sua origem⁵⁵. Nesse sentido, Focillon acreditou que assim como uma raça constituía um desenvolvimento sujeito a irregularidades, mutações e trocas⁵⁶, a história era um “feixe triplo” de forças ativas, formada por tradições, influências e experimentos⁵⁷.

Se os estudos latino-americanos nos Estados Unidos foram privilegiados pelas trocas culturais promovidas pela “política da boa vizinhança” durante a Segunda Grande Guerra⁵⁸, a perspectiva particular de Robert Chester Smith e George Kubler com relação aos estudos do período colonial latino-americano poderia ser compreendida tanto pela emergência de um novo pan-americanismo entre as décadas 1920 e 1930⁵⁹, bem como em função do ambiente intelectual alimentado pelo conceito de pluralismo cultural, representado pela consciência étnica e pelas identidades nacionais duplas das comunidades de imigrantes no interior da democracia pluralista americana, assim como foi formulado por Horace Kallen, desde 1915, contra a metáfora do *melting pot*. Para Kallen, o futuro da cultura americana seria dependente da contribuição de cada uma das comunidades culturais presentes em seu território, e, como consequência, da lealdade espiritual dessas últimas para com sua terra natal⁶⁰.

Conforme vimos acima, em particular, o olhar de Smith e Kubler também foi beneficiado pela tradição alemã que desembarcou nas costas americanas com os

intelectuais imigrantes do entreguerras, representando uma longa genealogia de historiadores da arte de Riegl a Wöfflin, Warburg, Dvorak e Panofsky interagindo com historiadores e filósofos como Hegel, Burckhardt, Dilthey, Cassirer e Collingwood, os quais, por sua vez, a partir de uma visão contextualista⁶¹, entenderam a obra de arte como uma entidade relacional, ou seja, datada, com uma incidência histórica, um criador e sua biografia – uma trajetória pessoal – com suas próprias intenções estéticas, e para os quais o lugar cultural, as interferências na intenção criativa, bem como a posição da obra em uma determinada tradição não eram irrelevantes, mas faziam parte da própria obra, e, portanto, eram avaliados como ferramentas historiográficas⁶².

Em 1923 Aby Warburg retomou notas e reflexões sobre sua jornada americana entre os índios Hopi, em 1895 e 1896, e a partir da figura da serpente buscou conexões entre culturas distintas no tempo e no espaço, desde os escritos bíblicos à cosmologia cristã medieval, passando pela Renascença florentina, à reforma alemã e à cultura ocidental contemporânea, visando identificar um processo cultural que evoluía da concretude e materialidade do símbolo à sua espiritualização⁶³.

Em 1927, Erwin Panofsky operava os conceitos de tempo histórico (cultural) e espaço histórico como unidades de significado, ou quadros de referência, combinados em sistemas relacionais, no interior, e entre os quais se estabeleciam conexões dinâmicas – influência e recepção, estímulo e resposta, tradição e inovação – em um amplo espaço significativo que compreendia o domínio cultural e físico, conforme escreveu:

*“... Cada fenômeno histórico deve necessariamente pertencer à múltiplos quadros de referência... Por conta de suas trajetórias individuais... pelos contatos com artistas itinerantes ou outras obras de arte... os seres humanos que o criaram... penetraram em novas esferas de influência... portanto cada uma de suas criações... representa a intersecção de numerosos quadros de referência que se confrontam uns aos outros como produtos de distintos espaços e tempos, e cuja interação em cada instante leva à um resultado único...”*⁶⁴

A imagem do espaço intermédio, definido acima por Panofsky como o lugar da intersecção entre os diversos quadros de referência que se confrontam uns aos outros, sugere uma outra particular abordagem espacial da problemática historiográfica: o conceito de *in-between*, assim como foi desenvolvido no início do século 20, nos escritos do professor de Martin Buber⁶⁵, Georg Simmel⁶⁶. Desde seu ensaio seminal sobre o estrangeiro, *The stranger* (1908), seguido do *Bridge and door* (1909), o filósofo alemão vinha fazendo uso da forma espacial em suas análises culturais, assinalando a *objetividade* do estrangeiro, que permitia ao indivíduo não somente “importar qualidades” para o interior do espaço como avaliar suas condições com menos preconceitos a partir de ideais mais gerais e objetivos⁶⁷. E, se a ponte constituía o “símbolo da extensão da esfera de nossa vontade sobre o espaço”⁶⁸, a porta representava, em termos culturais, “a possibilidade da troca permanente”⁶⁹. Traduzido e publicado na coletânea de Robert E. Park e Ernst W Burgess, *Introduction to the science of sociology* em 1921⁷⁰, o primeiro ensaio de Simmel teve um impacto considerável nos estudos sociais e urbanos nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século 20⁷¹.

Por sua vez, o conceito de *in-between*, desenvolvido por Martin Buber,⁷² estendia o significado da reciprocidade funcional entre indivíduos no espaço,

tornando-se instrumental na revisão do viés historiográfico mononacional a partir da idéia do encontro ou do diálogo que pode absorver as dissonâncias entre o nacional e os outros nacionais.⁷³

Em 1995, Marjorie Perloff analisou a velha literatura comparada a partir das literaturas nacionais, sugerindo a necessidade de novas abordagens espaciais. Para Perloff as migrações, emigrações e exílios haviam transformado as literaturas nacionais de entidades mononacionais em combinações de extratos e sedimentos nos quais elementos lingüísticos “outros” não mais podiam ser isolados⁷⁴. A intuição de Perloff pode ser representada pela dolorosa confissão “espacial” do filósofo Jacques Derrida: “*meu monolinguismo ocupa um espaço que chamo a minha morada... essa língua jamais será minha...[como] jamais o foi...*”⁷⁵

Mesmo atormentada, ao reconhecer as diferenças, a assertiva de Derrida carrega a promessa da unicidade, assim como indicava Simmel no início do século 20, ao escrever “... a possibilidade de a qualquer momento passar da condição... limitada para a liberdade...”⁷⁶

Na era do multiculturalismo, quando somos levados a descobrir as “porosidades nacionais, o hibridismo, as diferenças, as dissoluções e os espaços intersticiais”, assim como formulado por Homi K. Bhabha⁷⁷ e outros críticos afins, o conceito de espaço comparece como um instrumento teórico analítico importante; no entanto, estaríamos efetivamente propondo novas epistemes ou lidando com uma nova ruptura intelectual?⁷⁸

NOTAS

(1) BENOIST, Jocelyn; MERLINI, Fabio. “Spatialiser, Historiciser” in *Historicité et spatialité. Le problem de l'espace dans la pensée contemporaine*. Paris: Librairie Philosophique J.Vrin, 2001, p. 8.

(2) Idem nota 1.

(3) COSTA, Lucio, *Registro de uma vivência*. São Paulo: Editora UnB/Empresa das Artes, 1995, p. 434.

(4) Ver o projeto da residência Ernesto G. Fontes (1930) nas versões neocolonial e moderna, em COSTA, Lucio, *Lucio Costa registro de uma vivência*. São Paulo: Editora UnB/Empresa das Artes, 1995, p. 55-65. Em relação ao seu envolvimento com o neocolonial, Lucio Costa escreveu: “... surgiu, com a melhor das intenções, o chamado ‘movimento tradicionalista’ de que também fizemos parte. Não percebíamos que a verdadeira tradição estava ali mesmo, a dois passos, com os mestres-de-obras nosso contemporâneos; fomos procurar, num artificioso processo de adaptação – completamente fora daquela realidade maior que cada vez mais se fazia presente e a que os mestres se vinham adaptando com simplicidade e bom senso – os elementos da vida colonial: fingir por fingir, que ao menos se fingisse coisa nossa...”. Ver idem, ibidem, p. 461-462.

(5) Entre os primeiros colaboradores do Sphan encontravam-se Ayrton Carvalho e Godofredo Filho, de Salvador, o escritor Mário de Andrade, Luis Saia e Jose Bento, de São Paulo; os mineiros Salomão Vasconcelos e seu filho Silvio Vasconcelos; assim como Gilberto Freire, Paulo Santos e Paulo Thedim Barreto.

(6) Ver OLIN, Margaret, “From Beza'l'el to Max Lieberman. Jewish Art in Nineteenth – Century Art-Historical Texts” in *Jewish identity in modern art history*; KAUFMANN, Thomas da Costa, *Towards geography of art*. SCHWARZER, Mitchell, *German architectural theory and the search for modern identity*.

(7) HITCHCOCK, Henry-Russell; JOHNSON, Philip. *Le style international*. Marselha: Éditions Parenthèses, 2001, p. 29. A severa crítica dos dois autores ao funcionalismo engajado dos arquitetos europeus e, particularmente, Hannes Meyer, comparece em algumas ocasiões ao longo do catálogo. Ver HITCHCOCK, idem, ibidem, p. 68.

(8) BALIBAR, Étienne, “The nation form: History and ideology” in *Race, nation, class: Ambiguous identities*.

(9) FOCILLON, Henri, *The life of forms*. Nova York: Zone Books, 1992, p. 118.

(10) COSTA, Lucio, "O Aleijadinho e a arquitetura tradicional" in *Lucio Costa: Sobre arquitetura*.

(11) "Recomendações:

Assumir e respeitar o lastro original – luso, afro, nativo.

Reconhecer a grande importância para o Brasil de hoje do aporte da migração européia – mediterrânea e nórdica –, bem como a do oriente – próximo e distante.

*Aceitar como legítima e fecunda a resultante desse entrosamento, mas **reputar fundamental a absorção, nesse aporte da nossa maneira peculiar, inconfundível – brasileira – de ser.***

Preservar e cultivar tais características diferenciadoras, originais.

Recusar subserviência, inclusive cultural, mas absorver e assimilar a inovação estrangeira." "Lucio Costa", in *Lucio Costa registro de uma vivência*. São Paulo: Editora UnB/ Empresa das Artes, 1995, p. 382. Nesse contexto vale destacar as similitudes da formulação de Lucio Costa no que diz respeito ao caráter nacional, com as elaborações do escritor e crítico literário Silvio Romero, o qual identificou o caráter étnico do povo brasileiro como o fundamento e a força do nacionalismo literário, "necessidade orgânica da vida das nações". Ver ROMERO, Silvio, "Literatura y nacionalismo" in *Ensayos literários*; CANDIDO, Antonio in *Silvio Romero teoria, crítica e história literária*. LTC/Edusp, 1978, p. ix-xxx. Sobre a contribuição de cada um dos grupos formadores de etnia nacional para a arquitetura brasileira, Lucio Costa também parece ecoar as teorias raciais de Silvio Romero que, por sua vez, evocam a formulação de Gobineau sobre *mestizaje*:

"... não que as obras perdessem sua qualidade ou conotação de obras portuguesas – a contribuição indígena e africana foi por demais frágil, nesse particular, para desnaturalizá-la..." Ver COSTA, Lucio, in *Lucio Costa registro de uma vivência*. No que diz respeito aos paralelismos entre os dois autores, não podemos deixar de apontar a escolha do período da Inconfidência Mineira como o momento do surgimento da consciência da nacionalidade tanto para o arquiteto como para o crítico literário.

(12) BALIBAR, Étienne, "La forme nation: histoire et idéologie" in *Race, nation, classe. Les identités ambiguës*.

(13) Ver nota 7.

(14) Ver OLIN, Margaret.

(15) *" Há certa tendência a considerar imitações de obras reinóis as obras e peças realizadas na colônia. Na verdade porém, são obras tão legítimas quanto as de lá, porque o colono, **par droit de conquête**, estava em casa, e o que fazia aqui, de semelhante ou já diferenciado, era o que lhe apetecia fazer – assim como ao falar português não estava a imitar ninguém, senão a falar, com sotaque ou não, a própria língua."* COSTA, Lucio, "Tradição local" in *Lucio Costa registro de uma vivência*.

(16) A hipótese que considera o barroco mineiro como a primeira evidência de uma identidade artística nacional constitui, como sugeriu Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, um anacronismo. Para a pesquisadora o instrumental da geografia da arte, particularmente em Portugal, confirmou que o cenário arquitetônico de Minas Gerais no século 18 estava diretamente relacionado ao surgimento do rococó. Mesmo os estados de Pernambuco, Rio de Janeiro e o Maranhão também apresentaram desenvolvimentos originais, da mesma forma que cidades portuguesas como Braga, Coimbra e Évora. Ver OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de, *O rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*.

(17) Ver VIANA, José Francisco Oliveira, *Populações meridionais do Brasil: História, organização, psicologia*. A primeira edição data de 1920.

(18) FREYRE, Gilberto de Mello, *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. A primeira edição data de 1933. Freire estudou na Universidade de Columbia e operou os instrumentos metodológicos introduzidos por Simmel e Boas, além dos espanhóis Ganivet, Unamuno, Pio Baroja e Ortega y Gasset. O historiador relacionou cultura e etnicidade, considerando o povo brasileiro como uma extensão da população ibérica assimilada a elementos indígenas e africanos, entendendo, ainda, o perfil psicológico do português como formado pela miscigenação com elementos árabes e judeus. Ver BASTOS.

(19) HOLANDA, Sergio Buarque, *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 172-173. A primeira publicação data de 1936.

(20) Se, para os dois primeiros autores, a tradição luso-brasileira era vista em sua continuidade, Sergio Buarque de Holanda buscou reconstituir a identidade brasileira tradicional como o arcaico a ser suplantado pela sociedade moderna em construção. Para Buarque de Holanda, a sociedade brasileira carregava a ambigüidade de ser descendente da colonização européia, uma herança à qual não se acomodava, conforme escreve: *"... mesmo hoje somos expatriados em nossa terra..."* O historiador abandona a idéia do mundo ibérico como uma referência unitária, distinguindo o caráter particular da espacialidade da colonização portuguesa em contraste com a espanhola por meio das metáforas do

português semeador – cujo projeto urbano revelava o desejo de adaptar-se às condições e circunstâncias locais – e o espanhol ladrilhador – cujo projeto revelava o desejo de regular e dominar o espaço conquistado. Ver *Sergio Buarque de Holanda e o Brasil e Raízes do Brasil*.

(21) Ver ROMERO, Silvio, *Teoria, crítica e história literária*.

(22) Pouco mais tarde, no cenário das alianças geopolíticas, econômicas e militares das décadas de 1910 e 1920, a idéia de uma aliança luso-brasileira desenvolveu-se com o objetivo de revelar a “principal expressão internacional da raça portuguesa” e a unidade moral das duas nações. Ver LEAL, Ernesto Castro, *A idéia de Confederação Luso-Brasileira nas primeiras décadas do século XX*. Disponível em: <http://lagosdarepublica.wikidot.com/a-ideia-de-confederacao-luso-brasileira-nas-primeiras-decada>.

(23) SCHEIDER, Alberto Luiz Sílvia Romero, *Hermeneuta do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005.

(24) FREYRE, Gilberto, “Brazilian National Character in the Twentieth Century” in *Annals of the American Academy of Political and Social Science*. Gilberto Freyre sugeriu que apesar da independência política, os brasileiros nunca puderam se separar das fontes européias, e, nesse aspecto, seu caráter nacional era claramente ibérico, apresentando uma tendência, mais pronunciada no século 20, de ousadas combinações de tradição e modernidade, conforme se observa em sua arquitetura e, particularmente, em Brasília.

(25) COSTA, Lucio, *Lucio Costa registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995, p. 198-199. Ver FALBEL, Anat.

(26) Sobre a trajetória de George Kubler, ver REESE, Thomas F., “Editor’s Introduction” in *Studies in ancient american and european art. The collected essays of George Kubler*. New Haven: Yale University Press, p. xvii-xxxvi; KAUFMANN, Thomas da Costa, p. 219-238.

(27) KUBLER, George, “Non-Iberian European Contributions to Latin American Colonial Architecture” in *Studies in ancient american and european art. The collected essays of George Kubler*, p. 81-87.

(28) Idem, ibidem, p. 81, “a idéia de invariância pressupõe uma configuração cultural imutável expressa nas formas estáveis do caráter particular à região de sua ocorrência. É uma idéia configuracional – que governa a maioria dos escritos sobre história cultural da península e da América Latina – e que inibe qualquer análise histórica exata das derivações da forma...”

(29) Idem, ibidem, p. 85. Kubler exemplificou suas hipóteses, utilizando o texto de Diego Ángel Iniguez, *Historia del arte hispanoamericano* (1945). Ele criticou a ausência de um estudo sistemático dos métodos de transmissão de uma cultura arquitetônica e a classificação dos edifícios em relação às suas fontes comuns. Sobre o enfoque historiográfico de Kubler, ver também KAUFMANN, Thomas Da Costa, *Toward a geography of art*, p. 219-238.

(30) KUBLER, George, “Indianism, Mestizaje, and Indigenismo as Classical, Medieval, and Modern Traditions in Latin America” in *Studies in ancient american and european art. The collected essays of George Kubler*, p. 75-80.

(31) Ver FOCILLON, Henri, *The art of the west i romanesque art.*, p. 6, “...[durante a Idade média] a Europa permeava tão profundamente a Europa e uma área ainda maior em extensão que durante a pax romana...[compreendendo]... uma grande diversidade de raças...[e] sua arte era um amálgama de grande riqueza... combinando... os restos da antiguidade clássica, os vestígios das culturas bárbaras, e as contribuições do Oriente...”

(32) A política do Império português na América Latina tendia a ser mais eurocêntrica e menos aberta às trocas com os povos nativos. Sobre o mesmo tema ver BAILEY, Gauvin Alexander, *Art on the jesuit missions in Asia and Latin America 1542-1773*.

(33) Ver KRUF, Hanno-Walter, “The theory of fortification” in *A history of architectural theory. From Vitruvius to the present*, p. 110-117; REIS, Nestor Goulart, *Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial*. SIQUEIRA, Beatriz Piccolotto Bueno, *Desenho e desígnio. O Brasil dos engenheiros militares (1500-1822)*.

(34) Ver TOLEDO, Benedito Lima de, *O real corpo de engenheiros na capitania de São Paulo*. Com relação aos trabalhadores portugueses engajados na construção de edifícios religiosos no Brasil durante o século 18, ver OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de, *O Rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*, p. 298.

(35) Ver BAILEY, Gauvin Alexander, “Asia in the Arts of Colonial Latin America” in *The arts in Latin America 1492-1820*, p. 57-69; BAILEY, Gauvin Alexander, *Art on the jesuit missions in Asia and Latin America 1542-1773*.

- (36) Em 1941 Robert Chester Smith publicou na *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, o seu artigo “O códice do Frei Cristovão de Lisboa”, no qual comparava a obra do Frei Cristovão, responsável pelas primeiras ilustrações da fauna e flora brasileiras na primeira metade do século 17, com os pintores holandeses e alemães – Franz Post, Albert Eckhout, and Zacarias Wagener – seus contemporâneos em Pernambuco durante o domínio holandês. Em seu curto texto Smith se colocou de frente ao consenso geral no interior do Iphan, apontando a valiosa contribuição dos holandeses na região, e, mesmo observando o caráter amador dos desenhos do Frei Cristovão, buscou sua filiação, reconhecendo a natureza sensível de seu olhar. Ver SMITH, Robert Chester, “O códice do Frei Cristovão de Lisboa”, *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Vale observar que, na mesma edição da revista do Iphan, o artigo de Lucio Costa sobre a arquitetura jesuíta no Brasil destacava que os holandeses, no Brasil, “... pouco ou quase nada deixaram...em troca do muito que destruíram ou impediram se concluísse, como se pode facilmente aferir ao simples exame dos panoramas de Olinda, pintados por Franz Post...” Ver COSTA, Lucio, “A arquitetura dos Jesuítas no Brasil” in *Arquitetura religiosa. Textos escolhidos da revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*.
- (37) Ver RUSSELL-WOOD, A. J. R. “Robert Chester Smith research scholar and historian” in *Robert C. Smith research in history of art*, p. 43.
- (38) SMITH JR., Robert C. “João Frederico Ludovice an Eighteenth Century Architect in Portugal” in *The art bulletin*.
- (39) Idem, ibidem, p. 370. Em 1934, Henri Focillon já havia apontado a importância do elemento humano e individual no entendimento da obra arquitetônica, “o elemento humano encontra-se presente em toda parte, não somente na representação, não somente nas forças coletivas que impelem e sustentam o artista, mas também na manifestação de seu próprio gênio criativo... seria bastante errôneo buscar à todo custo e em qualquer ocasião discernir as características individuais nos monumentos cujas fontes são ricas e cujas regras técnicas não se emprestam à uma renovação criativa infinita, no entanto, a exclusão do elemento humano e individual seria um erro não menos grave...”. Ver FOCILLON, Henri, *The art of the west in the middle ages*, p. 10. George Kubler ampliou a formulação de seu professor, acentuando que a questão primeira no trabalho biográfico é a posição do artista em relação àquilo que o precedeu e àquilo que o seguirá: “... a obra de cada homem é também uma obra em uma série que se estende além dele próprio em ambas as direções, dependente da posição que ocupa nessa estrada...”. Ver KUBLER, George, *The shape of time*, p. 4-5.
- (40) “... ele estudou fronteiras, limites e interfaces, tratadas tanto como planos de inovações, onde os limites do conhecimento humano e consciência avançam através de experimentos e soluções de problemas de artistas, como planos de interações culturais, onde tradições locais e estrangeiras se mesclam, ou como pontos de transferência críticos na história, nos quais mudanças de forma e conteúdo significam mudanças fundamentais na forma como o passado é avaliado...” REESE, Thomas F., op. cit., p. xix. Ver também CAMPBELL, Malcom, “Robert Chester Smith and the University of Pennsylvania” in *Robert C. Smith research in history of art*, p.138.
- (41) SMITH, Robert C. “Jesuit Buildings in Brasil” in *The art bulletin*, p. 187-213.
- (42) Idem, *The art of Portugal 1500-1800*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1968.
- (43) SANTOS, Reinaldo dos. *Oito séculos de arte portuguesa, história e espírito*. Lisboa: Notícias, 1966.
- (44) WOHL, Helmut, “Robert Chester Smith and the Art in the United States” in Robert C. Smith, *Research in History of art*, p.17-29.
- (45) Idem, “Robert Chester Smith and the Art in the United States” in Robert C. Smith, *Research in history of art*, p.17-29.
- (46) PANOFSKY, Erwin, “Three Decades of Art History in the United States. Impressions of a Transplanted European” in *Meaning in the visual arts*, p. 321-346.
- (47) Idem, ibidem, p. 328.
- (48) Ver LANDAUER, Carl, “‘Mimesis’ and Erich Auerbach’s Self-Mythologizing” in *German studies review*, p. 88-89.
- (49) PARKER, Kevin, “Art History and exile: Richard Krautheimer and Erwin Panofsky” in *Exiles+ emigrés. The flight of european artists from Hitler*, p. 324.
- (50) COSTA, Lucio, A arquitetura dos Jesuítas no Brasil, *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 5, 1941, p. 7-104.
- (51) Idem, ibidem, p. 97.

(52) Ver idem, ibidem, p. 63.

(53) FOCILLON, Henri, *The life of forms in art*. p. 140-141, "... a história não é unilinear; não é uma seqüência pura... história é variedade, troca e conflito..."

(54) COSTA, Lucio, *Lucio Costa registro de uma vivência*, p. 198.

(55) Ver OLIN, Margaret, "'Jewish Christians' and 'Early Christian' Synagogues. The Discovery at Dura-Europos and its Aftermath" in *The nation without art. Examining modern discourses on jewish art*, p. 137-139.

(56) FOCILLON, Henri, *The life of forms in art*, p. 142.

(57) Ver BONY, Jean, "Henri Focillon" in *The art of the west in the middle ages*. Londres: Phaidon Press, 1963, p. xix-xx. A tradição foi representada pela "... colaboração do passado no presente histórico... uma força vertical emergindo das profundezas..." e adaptando-se aos novos tempos por meio de distorções e reinterpretações; a influência operava no presente como um fenômeno de transferência horizontal a partir de trocas entre ambientes distintos, mas contemporâneos; e, finalmente, a experimentação era estimulada pelo instinto da descoberta e da criação, sendo responsável pelo enriquecimento e a renovação da história.

(58) REESE, Thomas F., "Editor's Introduction" in *Studies in ancient american and european art. The collected essays of George Kubler*. New Haven: Yale University Press, p. xx.

(59) Ver RUSSELL-WOOD, A. J. R. "Robert Chester Smith research scholar and historian" in *Robert C. Smith research in history of art*, p. 43. Para uma perspectiva mais ampla dos estudos latino-americanos nos Estados Unidos ver KUBLER, George, "Architectural Historians before the Fact", in BLAIR, Elisabeth MacDougall, *The architectural historian in America*. Washington: University Press of New England, 1990, p. 191 -197.

(60) Ver RATNER, Sidney, "Horace M. Kallen and Cultural Pluralism" in *The legacy of Horace M. Kallen.*, p. 48-63; KALLEN, Horace M., *Culture and democracy in the United States*, p. 59-117 (a primeira edição data de 1924); HARRINGTON, Mona, Loyalties: WALTZER, Michael, "Dual and Divided", *The politics of ethnicity*; KANTOWIWICZ, Edward T.; HIGHAM, John; HARRINGTON, Mona (E.). Cambridge: Harvard College, 1982, p. 101-102; KONVITZ, Milton R., "Horace Meyer Kallen (1882-1972) in praise of hyphenation and orchestration" in *The legacy of Horace M Kallen* (E.), p. 30.

(61) Ver LEVI, Albert William, "Kunstgeschichte als Geistesgeschichte: The lesson of Panofsky", *Journal of Aesthetic Education*, v. 20, n. 4, 1986, p. 70-83.

(62) Idem, ibidem. Sobre os historiadores alemães e austríacos exilados e sua incidência na direção assumida pelos estudos de história da arte nos Estados Unidos, ver MICHELS, Karen, "Transfer and Transformation: The German Period in American Art History" in BARRON, Stephanie, *Exiles + Emigrés. The flight of european artists from Hitler*, 1997, p. 304-316; PARKER, Kevin, "Art history and exile: Richard Krautheimer and Erwin Panofsky" in BARRON, Stephanie, *Exiles + Emigrés. The flight of european artists from Hitler*, p. 317-325.

(63) WARBURG, Abby. In: STEINBERG Michael P. *Images from the region of the Pueblo Indians of North America*.

(64) PANOFSKY, Erwin, "Reflexions on Historical Time" in *Critical inquiry*, v. 30, n. 4, summer 2004, p. 691-701.

(65) O conceito de *in-between* foi retomado, inicialmente, a partir dos escritos de Buber, como instrumental na revisão da perspectiva funcional por Rolf Gutmann e Theo Marz. Durante a preparação do CIAM 9 (SIGTUNA, 1952), Aldo van Eyck se apropriou da idéia para ampliar o nível do espaço interpessoal "entre um homem e o outro" para a escala urbana. Nas últimas décadas, analisado por meio de perspectivas distintas, o *in-between* vem sendo responsável por novos desenvolvimentos teóricos e práticos de uma série de arquitetos e urbanistas. Ver STRAUVEN, Francis, *Aldo van Eyck; The shape of relativity*; LIGTELJN, Vincent (E.), *Aldo van Eyck works*, p. 242-243; 354-379; RISSELADA, Max; HEUVEL, Dirk van den, "Team 10 1953-81" in *Search of a utopia of the present*.

(66) Anthony Vidler apontou o papel fundamental da forma especial na análise cultural desenvolvida por críticos como Simmel, Theodor Adorno, Siegfried Kracauer e Walter Benjamin. Ver VIDLER, Anthony, "Spatial Estrangement in Georg Simmel and Siegfried Kracauer" in *New German Critique*, n. 54, Special Issue on Siegfried Kracauer, 1991, p. 31-45.

(67) Ver SIMMEL, Georg, "The Stranger" in *The sociology of Georg Simmel*. Kurt WOLFF H (E.), p. 404-405.

- (68) SIMMEL, Georg, "Bridge and Door" in LEACH, Neil, *Rethinking architecture. A reader in cultural theory*, p. 66.
- (69) Idem, ibidem, p. 67-68.
- (70) SIMMEL, Georg, "The Stranger" in PARK, Robert E.; BURGESS, Ernst W. (E.), *Introduction to the science of sociology*, p. 322-327.
- (71) Ver MCLEMORE, S. Dale, "Simmel's 'Stranger'; A Critique of the Concept" in *The Pacific Sociological Review*, v. 13, n. 2, 1970, p. 86-94; WIRTH, Louis, *The ghetto*. First edition dated 1928.
- (72) BUBER, Martin, *Dialogue in between man and man*, p. 22-38.
- (73) ESPAGNE, Michel, *Les transferts culturels franco-allemands*. p.113: "... para escapar das constelações puramente ideológicas que permeiam as historiografias nacionais, mais do que postular a existência de um espaço global no qual as oposições seriam ultrapassadas, parece mais fecundo estudar o detalhe das imbricações reais há muito ocultadas..."
- (74) PERLOFF, Marjorie, "The Old Mononationalism and the New Comparative Literature" in *World literature today*, p. 249.
- (75) DERRIDA, Jacques, *O monolinguismo do outro ou a prótese de origem*. Porto: Campo das Letras-Editores, S. A., 2001.
- (76) SIMMEL, Georg, "Bridge and Door" in LEACH, Neil, *Rethinking architecture. A reader in cultural theory*, 1997, p. 69.
- (77) BHABHA, Homi K. "Dissemination: time, narrative, and the margins of the modern nation" in *The Location of Culture*, p. 139-169.
- (78) AXELROD, Charles David, *Studies in intellectual breakthrough: Freud, Simmel, Buber*, p. 3.

REFERÊNCIAS

- AXELROD, Charles David. *Studies in intellectual breakthrough: Freud, Simmel, Buber*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1979.
- BAILEY, Gauvin Alexander. *Art on the jesuit missions in Asia and Latin America 1542-1773*. Toronto: University of Toronto Press, 2001.
- _____. Asia in the Arts of Colonial Latin America. In: RISHEL, Joseph J.; STRATTON-PRUITT, Suzanne (Org.). *The arts in Latin America 1492-1820*. Philadelphia: Philadelphia Museum of Art; Yale University Press, 2006.
- BALIBAR, Étienne. The nation Form: History and Ideology. In: BALIBAR, Étienne; WALLERSTEIN, Immanuel Maurice (Ed.). *Race, nation, class: ambiguous identities*. Londres: Verso, 1991.
- BASTOS, Elide Rugai. Gilberto Freire. Casa-grande & senzala. In: MOTA, Lourenço Dantas (Org.). *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*. São Paulo: Senac, 1999.
- BENOIST, Jocelyn; MERLINI, Fabio (Ed.). *Historicité et spatialité: le problème de l'espace dans la pensée contemporaine*. Paris: Libr. Philosophique J. Vrin, 2001. (Problèmes et controverses).
- BHABHA, Homi K. Dissemination: time, narrative, and the margins of the modern nation. *The location of culture*. Londres: Routledge, 1994.
- BUBER, Martin. *Dialogue in between man and man*. Londres: Routledge, 2002.
- BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Desenho e designio: o Brasil dos engenheiros militares (1500-1822)*. 2001. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- CAMPBELL, Malcom; SMITH, Robert Chester; UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA. Robert Chester Smith: research in history of art. In: SALA, Dalton et al. (Ed.). *Robert C. Smith: research in history of art in United States*. Lisbon: Fundação Calouste Gulbekian, 2000.
- DERRIDA, Jacques. *O monolinguismo do outro ou a prótese de origem*. Porto: Campo das Letras, 2001.

- CANDIDO, Antonio (Org.). *Silvio Romero: teoria, crítica e história literária*. São Paulo: Edusp, 1978.
- _____. *Sergio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.
- COSTA, Lucio. A arquitetura dos jesuítas no Brasil. *Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, São Paulo: C/FAUUSP/IPHAN, p. 91, 1978. Textos Escolhidos e Arquitetura religiosa.
- _____. *Lucio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- COSTA, Lucio; XAVIER, Alberto (Org.). *Lúcio Costa: sobre arquitetura*. Porto Alegre: UniRitter, 2007. Edição fac símile do livro de mesmo título publicado em 1962.
- ESPAGNE, Michel. *Les transferts culturels franco-allemands*. Paris: PUF, 1999.
- FALBEL, Anat. Arquitetos imigrantes no Brasil: uma questão historiográfica. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 6., 16-19, 2005, Niterói. *Anais...* Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006. p. 1-20. Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminarios%206%20Niteroi%20sumario%20autores.htm>>. Acesso em: 23 maio 2011.
- FALBEL, Anat. Immigrant Architects in Brazil: a historiographical issue. *DOCOMOMO Journal*, v. 34, p. 58-65 2006.
- FOCILLON, Henri. *The art of the west i romanesque art*. Londres: Phaidon Press, 1963.
- _____. *The life of forms*. Nova York: Zone Books, 1992.
- FREYRE, Gilberto de Melo. Brazilian National Character in the Twentieth Century. National Character in the Perspective of the Social Sciences. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 370, p. 57-62, 1967.
- FREYRE, Gilberto de Mello. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- HARRINGTON, Mona. Loyalties: dual and divided. In: WALTZER, Michael; KANTOWICZ, Edward T.; HIGHAM, John; HARRINGTON, Mona, (Ed.). *The politics of ethnicity*. Cambridge: Harvard College, 1982.
- HITCHCOCK, Henry-Russell; JOHNSON, Philip. *Le style international*. Marselha: Éditions Parenthèses, 2001.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raizes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KALLEN, Horace. M. *Culture and democracy in the United States*. New Brunswick: Transaction Publishers, 1998.
- KAUFMANN, Thomas da Costa. *Towards a geography of art*. Chicago: The University of Chicago, 2004.
- KONVITZ, Milton R. Horace Meyer Kallen (1882-1972) in praise of hyphenation and orchestration. In: _____. (Ed.). *The legacy of Horace M. Kallen*. Nova York: Herzl Press, 1987.
- KRUFT, Hanno-Walter. The Theory of fortification. *A History of architectural theory. From Vitruvius to the present*. Princeton: Princeton Architectural Press, 1994.
- KUBLER, George. Architectural historians before the fact. In: MACDOUGALL, Elizabeth Blair. *The architectural historian in America*. Hanover: University Press of New England, 1990.
- _____. *The shape of time*. New Haven: Yale University Press, 2008.
- _____; REESE, Thomas F. (Ed.). *Studies in ancient american and european art: the collected essays of George Kubler*. New Haven: Yale University Press, 1985.
- LANDAUER, Carl. 'Mimesis' and Erich Auerbach's self-mythologizing. *German Studies Review*, Northfield, v. 11, n. 1, p. 83-96, 1988.
- LEAL, Ernesto Castro. A idéia de Confederação Luso-Brasileira nas primeiras décadas do séc. XX. Disponível em: <<http://lagosdarepublica.wikidot.com/a-ideia-de-confederacao-luso-brasileira-nas-primeiras-decada>>. Acesso em: 23 maio 2011.
- LEVI, Albert William. Kunstgeschichte als Geistesgeschichte: The lesson of Panofsky. *Journal of Aesthetic Education*, Champaign, v. 20, n. 4, 79-83, 1986.
- LIGTELIJN, Vincent (Ed.). *Aldo van Eyck works*. Basel: Birkhäuser Publishers, 1999.
- MCLEMORE. S. Dale Simmel's 'Stranger'; A Critique of the Concept. *The Pacific Sociological Review*, v. 13, n. 2, p. 86-94, 1970.

- MICHELS, KAREN. Transfer and Transformation: the German Period in American Art History. In: BARRON, Stephanie. *Exiles + emigrés. The flight of European artists from Hitler*. Los Angeles: County Museum of Art: Harry N. Abrams, 1997.
- OLIN, Margaret. From Bezal'el to Max Lieberman: Jewish Art in Nineteenth Century Art-Historical Texts. In: SOUSSLOFF, Catherine M. (Ed.). *Jewish Identity in modern art history*. Berkley: University of California Press, 1999. p. 19-40.
- ____. "Jewish Christians' and 'Early Christian' Synagogues. The Discovery at Dura-Europos and its Aftermath". *The nation without art. Examining modern discourses on Jewish art*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2001.
- OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *O rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- PANOFSKY, Erwin. Reflexions on Historical Time. *Critical Inquiry*, Chicago, v. 30, n. 4, 2004.
- ____. Three Decades of Art History in the United States: Impressions of a Transplanted European. In: _____. *Meaning in the visual arts: papers in and on art history*. Nova York: Doubleday anchor Books, 1955. p. 26-54.
- PARKER, Kevin. *Art history and exile: Richard Krautheimer and Erwin Panofsky. Exiles + emigrés: The flight of european artists from Hitler*. In: BARRON, Stephanie (E.). Nova York: Los Angeles County Museum of Art; Harry Abrams, Inc. Publishers, 1997.
- PERLOFF, Marjorie. Living in the same place: the old mono-nationalism and the New comparative literature. *World Literature Today*. Normas, Oklahoma, v. 69, n. 2, p. 249-255, 1995.
- RATNER, Sidney. Horace M. Kallen and Cultural Pluralism. In: KONVITZ, Milton Ridvas (Ed.). *The legacy of Horace M. Kalle*. New York: Herzl Press, 1987.
- REIS, Nestor Goulart. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*. São Paulo: Edusp, 2000.
- RISSELADA, Max; HEUVEL, Dirk van den (Ed.). *Team 10: 1953-81, in search of a utopia of the present*. Rotterdam: NAI Publishers, 2005.
- ROMERO, Sílvia. Literatura y nacionalismo. In: CÂNDIDO, Antonio. *Ensayos Literários*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1982.
- RUSSELL-WOOD, A. J. R. Robert Chester Smith research scholar and historian. In: SALA, Dalton (Ed.). *Robert C. Smith research in history of art*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2000. p. 30-65.
- SALLUM JR, Brasílio. Sergio Buarque de Holanda. Raízes do Brasil. In: MOTA, Lourenço Dantas (Ed.). *Introdução ao Brasil: um banquete no tropico*. São Paulo: Senac, 1999. p. 235-256.
- SANTOS, Reinaldo dos. *Oito séculos de arte portuguesa, história e espírito*. Lisboa: Notícias, 1966.
- SCHEIDER, Alberto Luiz. *Sílvia Romero hermeneuta do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005.
- SCHWARZER Mitchell. *German architectural theory and the search for modern Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- SIMMEL, Georg. Bridge and Door. In: LEACH, Neil. *Rethinking architecture: a reader in cultural theory*. London: Routledge, 1997. p. 66-69.
- ____. The Stranger. In: WOLFF, Kurt H. (Ed.). *The sociology of Georg Simmel*. Nova York: Free Press, 1964. p. 26-39.
- ____. The Stranger. In: PARK, Robert E.; BURGESS, Ernst W. (Ed.). *Introduction to the Science of Sociology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1921. p. 322-327.
- SMITH, Robert Chester. *The art of Portugal 1500-1800*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1968.
- ____. Jesuit Buildings in Brasil. *The Art Bulletin*, Nova York, v. 30, n. 3, p. 187-213, 1948.
- ____. O códice do Frei Cristovão de Lisboa. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 121-126, 1941.
- ____. João Frederico Ludovice, an eighteenth century architect in Portugal. *The Art Bulletin*, Chicago, v. 18, n. 3, p. 273-370, 1936.
- STRAUVEN, Francis. *Aldo van Eyck: the shape of relativity*. Amsterdã: Architectura & Natura, 1998.

- TOLEDO, Benedito Lima de. *O real corpo de engenheiros na capitania de São Paulo*. São Paulo: João Fortes Engenharia, 1981.
- VIANA, José Francisco Oliveira. *Populações meridionais do Brasil: história, organização, psicologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.
- VIDLER, Anthony. Agoraphobia: spatial estrangement in Georg Simmel and Siegfried Krakcaur. *New German Critique*, Durham, n. 54, p. 31-45, 1991. Special Issue on Siegfried Krakcaur.
- WARBURG, Abby M. *Images from the region of the pueblo indians of North America*. Tradução de Michael P. Steinberg. Ithaca: Cornell University Press, 1995.
- WIRTH, Louis. *The ghetto*. Chicago: The University of Chicago Press, 1928.
- WOHL, Helmut. Robert Chester Smith and the Art in the United States. In: SALA, Dalton et al. (Ed.). *Robert Chester Smith: research in history of art*. Lisbon: Fundação Calouste Gulbekian, 2000.

Nota do Editor

Data de submissão: outubro 2010

Aprovação: janeiro 2011

Anat Falbel

Professor doutor IFCH/UNICAMP – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Estadual de Campinas – Unicamp
13083-896 – Campinas – São Paulo, SP
(19) 3289-3327
anatfalbel@uol.com.br